

DISCURSO DE PARANINHO *

DR. ANTONIO AZAMBUJA **

Quis a bondade dos doutorandos de Medicina que fosse eu o escolhido para paraninfo de sua turma.

Para aqui, fui trazido pelas suas mãos amigas, pois certo estou de que esta minha eleição foi muito mais o fruto de uma amizade, nascida no decurso de nossas aulas e fortalecida com o passar do tempo, do que a resultante de maiores credenciais que julgo não possuir.

Confesso-vos que, ao ter conhecimento desta escolha, experimentei a maior alegria e recebi a melhor homenagem que poderiam proporcionar-me os meus generosos alunos e nobres doutorandos.

Eis porque hoje, quando a nossa Faculdade de Medicina abre o seu salão de honra, para a solenidade da entrega dos diplomas aos jovens estudantes que completaram o seu curso, cá estou eu, para apresentá-los à sociedade e para dizer-lhes algumas palavras ditadas pelo afeto e pela emoção do amigo.

Minhas senhoras e meus senhores:

Em breve, ocuparão seus postos em diferentes pontos do país, os jovens médicos aqui presentes e que a Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, com justificado orgulho, hoje vos apresenta.

Ela aqui fica, a nossa Faculdade, confiante e paciente, à espera das "boas novas", de que os seus empenhos, de incansável semeadora, produziram frutos sadios e de que não foram estéreis nem em vão os seus esforços para formar bons médicos.

Para êles, inicia-se a segunda etapa de uma existência dedicada à prática do bem: E' para a natureza humana que agora se voltam os seus olhos, cansados de uma jornada de estudos. Em suas mãos, vamos entregar a nossa vida e a vida de nossos irmãos. E' a seus cérebros moços e a seus corações bem formados

que confiaremos os males e as aflições da nossa pobre gente.

Abençoada a vocação que os conduziu a esta ciência magnífica!

Abençoado o impulso que os trouxe à prática da Medicina!

Senhores:

Na época atual, vivemos orgulhosos do nosso progresso. Dos laboratórios dos maiores centros civilizados do mundo, saem diàriamente novos inventos, melhores aparelhos e maiores aperfeiçoamentos técnicos. Repetidamente, ouve-se proclamar que em nenhuma época da história da humanidade, realizou-se maior progresso material, nem se assinalaram mais notáveis descobrimentos. Deveríamos, pois, certamente, estar vivendo os nossos melhores dias, num mundo de tranqüilidade e confôrto.

Mas, infelizmente, a realidade é bem outra.

Ainda há pouco, explodia sôbre Hiroshima o engenho mais mortífero e mutilante que o homem jamais fabricara.

E foi assim, que o mundo estarrecido conheceu o seu último progresso e a maior descoberta do século: a desintegração do átomo.

Tristemente, se evidenciava, através desta inenarrável tragédia, que a ciência e a técnica, longe de serem caminhos exclusivos para a redenção e o progresso do homem, podem ser os fatores certos da sua intranqüilidade e desgraça.

Ninguém teme a conquista científica, mas apenas o critério daqueles que a podem manusear.

Ela é como a lâmina de aço, que nas mãos de um assassino é o punhal que mata, mas nas mãos de um cirurgião é o bisturi que salva.

O progresso científico é, em si, moralmente indiferente. O seu valor positivo

* Pronunciado na solenidade da colação de grau da turma de doutorandos de 1955, realizada na Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre, em 17-12-1955.

ou negativo decorre da formação moral daqueles que o utilizam. Dentro desta ou daquela doutrina filosófica, é um problema de consciência. E como muito bem afirmava Rousseau "a consciência é o mais esclarecido de todos os filósofos".

Mas, se é possível a prática do mal, é também certamente possível a realização do bem. E para exemplo aqui estão os senhores doutorandos.

Há seis anos atrás, transpunham eles os umbrais desta casa, com a aspiração de tornarem-se médicos. Cada um deles, com os dotes que possui, poderia ter certamente vencido em outro setor da atividade humana e, de posição mais cômoda, ser o espectador indolente das misérias e da destruição do homem.

Mas eles queriam outra coisa; eles queriam ser médicos. E prosseguiram nos seus estudos.

E, enquanto aqui estudavam e se aperfeiçoavam nas mais recentes aquisições da arte de curar o homem e de prevenir a doença, muitos outros, também capazes, empregaram este mesmo tempo na arte de destruir a paz, de promover a discórdia, de incentivar a revolta e de pregar a guerra. Quem são eles? São muitos dos que ainda hoje têm os seus nomes anunciados na imprensa escrita e falada.

Mas estes quiseram ser médicos. E então preferiram a modestia de um consultório, de um hospital ou laboratório aos sucessos da praça pública ou às glórias da publicidade.

A sua batalha é diferente. A sua luta vai se travar contra a dor e contra o sofrimento humano. Os seus inimigos são vários. Não são apenas os micróbios. São uma infinidade de outros agentes mórbidos e, por vezes, as próprias condições sociais do homem, criadas pelo próprio homem, que não lhe permitem uma existência digna e saudável. São também a fome, a miséria, o desamparo e a falsa assistência social.

Para estes, não há antibiótico nem recurso cirúrgico que sirva.

Enquanto não se convencerem os que dirigem os povos de que a vida humana vale mais do que a moeda e de que a a doença do homem é mais séria que a peste bovina, não poderemos sonhar com melhores dias, nem com uma civilização de que nos possamos orgulhar.

Mas, mesmo assim, estes jovens aceitam a luta, ou talvez precisamente por isso, por já terem compreendido muito bem que os destinos da nossa terra dependem, em grande parte, da atuação profissional e social dos bons médicos do Brasil.

Árdua é a tarefa e grandes são os sacrifícios.

Esta medicina que tem sido tão desprezada e tão desprestigiada por aqueles que hoje os recebem e para os quais eles vão dedicar os seus melhores esforços, vale pelo que é e não pelo que dela podem pensar certas mentalidades disformes.

Indiscutivelmente, é séria a crise por que passa a classe médica em nosso país e, para ela, têm contribuído poderosamente o desprezo em que é tida a missão social do médico, a exploração inescrupulosa do trabalho médico e a atitude geralmente desinteressada e modesta do profissional que, por sua própria formação, não tem sabido nem podido se defender de tão perniciosos fatores.

E' incontestável o êxito alcançado pela maior parte das nossas instituições estatais, para-estatais e privadas onde o serviço médico foi criado para ser distribuído a título de propaganda, senão como garantia da própria sobrevivência da organização. Com as medidas de economia, sempre recomendadas no setor de serviços médicos, podem sobrar as verbas que são desviadas para outros fins, por vezes inconfessáveis, e podem ser levantados os arranha-céus, de suntuosas salas, onde são inaugurados os retratos de uma benemérita administração. Mas, senhores, que seria das nossas instituições hospitalares, dos próprios IAP, das chamadas caixas e organizações semelhante, e por tanto de seus administradores, se lhes fosse tirada a assistência médica, oferecida gratuitamente aos seus associados e em troca de miserável remuneração?

Ninguém nega que a criação de tais organizações veio proporcionar a uma grande parcela da nossa população uma assistência médica e hospitalar que, sem elas, não poderia alcançar. Todos muito bem compreendemos que não é justo que o porteiro de uma fábrica deva morrer daquela doença da qual o diretor escapa, pelo simples motivo de dispor de

uma quantia que o primeiro não possui. Mas ninguém também pode negar que as leis trabalhistas e sociais que regulam a nossa previdência social têm até aqui amparado quasi tôdas as classes, menos a dos médicos, dos quais elas tanto exigem e tão grandemente dependem.

Compreende-se, então, porque surgem às vêzes a desilusão e a revolta. E' o médico desamparado e incompreendido que, por fôrça de sua missão, deve amparar e compreender os demais. Para êle não há compreensão. Os seus direitos são os seus deveres. Mas é preciso não esquecer que o médico, como pessoa humana, pode um dia ser assimilado pelo meio deletério em que o colocaram.

Longe de defender a conduta do mau profissional ou de pretender justificar os seus êrros, quero apenas lembrar que antes de uma condenação apressada, é preciso que se faça sempre a análise minuciosa das circunstâncias que talvez o tenham arrastado a uma atitude menos digna e incompatível com a sua responsabilidade profissional.

A vida do médico é feita de trabalho e de estudo.

Mas se o trabalho o esgota, porque é desvalorizado e tende a ser excessivo, poucas horas lhe sobram para o estudo sério e sistematizado.

E neste ambiente é que se cria uma geração de profissionais medíocres. Mas parece que é isto que se quer, pois vivemos numa época em que o trabalho médico é aferido por algarismos e não pela sua melhor ou pior qualidade.

Esta é a realidade. E mais triste ela se nos apresenta, quando nos lembramos de que é exatamente sôbre os nossos jovens colegas, que apenas iniciam a sua carreira, que ela vai agir, com tôda a sua fôrça de elemento negativo e desagregador.

Mas para enfrentar tão adversas circunstâncias, aqui estão êles, senhores, os nossos doutorandos, cômscios das suas responsabilidades, mas também dispostos a lutar pelos seus direitos, conhecedores do meio que os cerca, mas também depositários das nossas melhores esperanças.

Todavia, como que por encanto, tudo isto se esmaece e se apaga se, desviando o olhar de tanta miséria, pudermos

contemplar a grandiosidade da missão que agora os espera.

Tão grande ela é, que jamais caberia dentro daquela lei que a quizesse regulamentar.

E' a medicina que como ciência arrebatada e como arte apaixona. Impele aos maiores sacrifícios e conduz ao verdadeiro sacerdócio. Sua recompensa está no saber adquirido e no bem praticado. Nenhum campo de luta, em nenhuma época da história, tem visto mais gloriosas vitórias do que as que se tem colhido no campo da medicina.

Se grandes foram os feitos de um Napoleão, certamente maiores foram as glórias de um Pasteur ou de um Fleming. E mais vale a certeza do bem praticado do que o prestígio social ou a consagração popular.

Senhores doutorandos:

Agora, que me dirijo a vós, sirvam as minhas primeiras palavras para assinalar a grande transformação que em vossas vidas se processou no decurso desta sessão: para cá viestes como doutorandos e agora já sois médicos.

Na minha posição de vosso paraninfo, não vos darei o adeus de despedida, porque prefiro receber-vos como colegas.

Sois médicos. Não deixareis de ser estudantes, porque muito ainda deveis aprender; mas, em lugar dos esquemas e dos estágios hospitalares, tereis agora a responsabilidade tremenda dos doentes que serão vossos.

Eu, que hoje vos recebo nesta nova terra em que acabais de chegar e onde há anos já labuto, devo dizer-vos que sou um cativo dos seus encantos, um enamorado de suas belezas.

Por ela, tenho dado os meus melhores esforços e confesso-vos que o meu entusiasmo de hoje é maior do que o de ontem.

Dêstes meus quasi vinte anos de atividade profissional e que nada são na evolução da medicina, muito teria para vos contar:

Assistí ao advento da sulfamidoterapia e a descoberta dos antibióticos, que transformaram completamente o panorama de tantos quadros infecciosos. Doenças de todo dia, como a febre tifóide, a pneumonia, a tuberculose, a sífilis e tantas outras encontraram neles o poderoso

meio de combate que antes nos faltava. A endocardite bacteriana deixou de ser uma sentença fatal. As doenças venéreas já não são o mesmo problema. E o capítulo dos antibióticos está ainda no seu começo...

De outro lado, o melhor conhecimento da função biológica das vitaminas estabeleceu orientação segura na patogenia de inúmeras enfermidades e uma terapêutica adequada para as condições de carência. O aparecimento da vitamina B12, por exemplo, e os resultados obtidos com o seu emprego na moléstia de Birmer são êxitos recentes.

Presenciei todo o progresso da moderna endocrinologia e os surpreendentes efeitos do ACTH e da cortisona, para só citar êstes maravilhosos recursos terapêuticos, hoje colocados a nossa disposição.

Em nada disso se falava, no meu tempo de estudante.

A cirurgia, funcionando em equipe e com as possibilidades criadas pelos novos métodos da anestesiologia moderna, estendeu seus benefícios às afecções bronco-pulmonares, às doenças do aparelho circulatório e hoje acena com ditosas esperanças para os portadores de hipertensão arterial, de cardiopatias congênitas ou de defeitos valvulares.

Nada disto existia ontem.

Novas técnicas de exame, novos métodos de exploração funcional, novos recursos laboratoriais e de exames subsidiários surgem quasi que diariamente, como muito bem sabeis.

E, valendo-nos do seu conveniente emprego, alcançamos a maior precisão diagnóstica e a terapêutica mais acertada.

Compreendeis então muito bem, porque me ufano da nossa medicina e porque tive que vos falar do meu entusiasmo de médico. Ele aqui não pára, porque ainda muito espero da medicina de amanhã. Os progressos de nossos dias constituem a melhor garantia dos progressos do futuro.

Mas a medicina de amanhã é a vossa medicina.

Com o passar do tempo, vireis aos poucos ocupar os lugares que hoje são nossos e certamente o fareis com o brilhantismo que é vosso e com os recursos que atualmente nos faltam.

Todavia, reparai bem: Nesta terra

em que agora chegais, só têm vencido aqueles que amam a medicina, os que encontram prazer no trabalho, os que sentem a necessidade do estudo.

Trabalhai e muito tereis que fazer.

Calcula-se que no Brasil existem cerca de dez milhões de pessoas que nunca receberam a menor assistência médica. Até agora, estão elas entregues à superstição ou às mãos do charlatão ou curandeiro das cercanias.

Grande parte de nossa população viaja dezenas, centenas de quilômetros, sob o peso dos seus males, a procura de um farmacêutico que a atenda por caridade.

Diz-se que o Brasil precisa de 50.000 médicos, mas de acôrdo com o censo de 1950, somos apenas 20.000.

Realmente, muito tereis que fazer.

Aí estão os problemas do saneamento, clamando por solução.

O combate à malária e a luta contra a tuberculose bem nos têm demonstrado as possibilidades da medicina nacional, quando amparada pelos poderes públicos e aproveitada em beneficio do povo.

Aí estão as verminoses, aniquilando populações, da criança ao velho, e justificando aquela expressão de Euclides da Cunha: "O Brasil é um país onde os meninos já nascem velhos".

Aí está o mal de Hansen, com cerca de 70.000 casos em nossa terra, provavelmente a espera da moderna terapêutica que os pôde curar ou tornar inativa a doença.

Aí está o tracoma, considerado como uma das mais graves endemias brasileiras.

E aí tendes apenas alguns tópicos de saúde pública.

Na nossa atividade privada, de novo ireis fazer a defesa da saúde humana. E o vosso trabalho, agora mais individual, é ainda o de zelar pela maior riqueza que possuímos, pelo mais eficiente instrumento de trabalho e de progresso, — a saúde de homens, mulheres e crianças que querem e precisam viver.

Qualquer que seja o vosso rumo, na vida profissional, trabalhai sempre com seriedade e dedicação, porque tereis em vossas mãos não só a doença, mas o destino de vossos doentes.

Sêde minuciosos e completos e não esqueçais o que dizia Letamendi: "Em

outras artes o que erra, erra; em medicina o que erra, mata”.

E' preciso, então, que não abandoneis nunca o estudo.

Estudai, porque muito ainda deveis aprender.

Estudai e, ao fazê-lo, procurai não só a leitura das obras clássicas, mas também a das revistas e monografias modernas. Realizai o vosso estudo pelo que ledes, mas completai-o sempre na observação minuciosa dos vossos doentes. Estudai-os, não como vos foram descritos, mas como os encontrareis. Cada um deles é uma alma que sofre e que espera ser compreendida. Exercei a medicina psicossomática.

Meus amigos. Perdoai, se me excedi na posição de vosso conselheiro, mas acreditai que tudo o que vos disse e ainda o que deixei de dizer nada mais foi do que o desejo incontido de poupar-vos daquelas faltas que todos nós temos tido e em que eu também incorri.

Trabalhai e estudai, mas sede antes de tudo bons.

Grandes glórias alcançará o que puder ser sábio ou transformar seu nome num motivo de orgulho da nossa medicina. Falo-á aquele que puder.

Há porém uma coisa que representa a obrigação de cada um: a de ser bom.

Antes de mais nada, sede bons.

As glórias são caprichosas e muitas vezes fugazes. Enquanto que a bondade e a boa conduta são tudo, para o viver tranquilo.

Assim, depois de tudo passado, ao anoitecer da existência, quando talvez ainda tenhais tempo de contemplar o caminho percorrido, vereis no panorama distante que, após longos anos de luta, só resta uma coisa na vida: a consciência do bem praticado.

Ide ao exercício da vossa profissão.

Aceitai os meus votos de que sejais muito felizes e de que sempre vos cerquem a gratidão dos homens e as bênçãos de Deus.